

Soriany Simas Neves

Universidade Federal do
Amazonas – UFAM

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1298-2019>

Email: sorianyneves@ufam.edu.br



Este trabalho está licenciado sob uma
licença [Creative Commons Attribution
4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Copyright (©):

Aos autores pertence o direito
exclusivo de utilização ou reprodução

ISSN: 2175-8689

**Caburi:
Uma comunidade amazônica na
sociedade em rede****Caburi:
An Amazonian community in the network
society**

NEVES, S. Caburi: uma comunidade amazônica na sociedade
em rede. Revista Eco-Pós, v.25, n.3, p. 178-199, 2022. DOI:
10.29146/eco-ps.v25i3.27952

RESUMO

Este estudo investigou as alterações na dinâmica de sociabilidade da comunidade rural do Caburi, no Amazonas, por meio da introdução de *wi-fi*, conectados principalmente em ambientes físicos na comunidade rural. Pautou-se em autores contemporâneos da cultura amazônica, como Wagley (1976), Fraxe (2004), Oliveira (2006) e Trindade Júnior (2011) e por autores que discutem cultura digital como Castells (2010), Lemos (2002;2013), Miller e Slater (2001) e Pereira (2012). Adotou-se a pesquisa etnográfica articulada com a etnografia digital (Miller, 2015), com o emprego de observação participante, entrevistas com jovens em ambientes de praças com *wi-fi*. Os resultados mostraram a reconfiguração da dinâmica de comunicação entre comunidade e cidade com a modificação das formas de conexão das populações ribeirinhas por meio do digital e o fortalecimento do modo de vida e relacionamentos tradicionais.

PALAVRAS-CHAVE: *Comunidade rural; Amazonas; Redes digitais; Mídia social; Praças digitais.*

ABSTRACT

This study examined changes in the dynamics of sociability in the rural community of Caburi, in Amazonas, through the introduction of *wi-fi*, connected mainly in physical environments in the rural community. It was based on current authors of the Amazonian culture, such as Wagley (1976), Fraxe (2004), Oliveira (2006) and Trindade Júnior (2011) and by authors who discuss digital culture such as Castells (2010), Lemos (2002;2013), Miller and Slater (2001) and Pereira (2012). Ethnographic research articulated with Digital Ethnography (Miller, 2016) was adopted, with the use of participant observation, interviews with young people in squares with *wi-fi*. The results showed the reconfiguration of communication between the community and the city with the change of the ways of connecting the riverside populations through digital and the strengthening of the way of life and traditional relationships.

KEYWORDS: *Rural community; Amazon; Digital networks; Social media; Digital squares.*

RESUMEN

Este estudio inquirió cambios en la dinámica de sociabilidad en la comunidad rural de Caburi, en Amazonas, a través de la introducción de *wi-fi*, conectado principalmente en ambientes físicos en la comunidad rural. Se basó en autores contemporáneos de la cultura amazónica como Wagley (1976), Fraxe (2004), Oliveira (2006) y Trindade Júnior (2011) y por autores hablan como Castells (2010), Lemos (2002;2013), Miller y Slater (2001) y Pereira (2012). Se adoptó la investigación etnográfica articulada con la Etnografía Digital (Miller, 2016), con el uso de la observación participante, entrevistas a jóvenes en plazas con *wi-fi*. Los resultados mostraron las reconfiguraciones de las dinámicas de comunicación entre la comunidad y la ciudad con la modificación de las formas de conectar a las poblaciones ribereñas a través de lo digital, y el fortalecimiento de los modos de vida y relaciones tradicionales.

PALABRAS CLAVE: *Comunidad rural; Amazonas; Redes digitales; Medios de comunicación social; Cuadrados digitales.*

Submetido em 22 de Agosto de 2022

Aceito em 30 de Outubro de 2022

Introdução

Quando Charles Wagley (1976) em seu estudo antropológico descreveu uma comunidade amazônica no início do século XX na região do Baixo Amazonas, ele quis fazer dela uma autêntica comunidade como expressão do modo de vida e da realidade social e econômica da maioria das comunidades da região por justamente ser um retrato das tendências e da catástrofe social de ocupação e dos modelos desenvolvimentistas impostos à Amazônia Brasileira.

A comunidade onde Wagley viveu e desenvolveu seus estudos – Itá, como a nomeou de forma fictícia – bem como suas características, por ele definidas como um lugar pobre, sem indústria, isolado, sobretudo após o declínio do ciclo da borracha e consequente abandono, faziam dela um “estudo de caso” exemplar para conferir certa particularidade aos problemas da região.

Podemos dizer que algumas características de organização e infraestrutura urbanística, como a disposição de casas, as ruas e a integração com o porto, bem como a ausência em grande medida do poder público nessas localidades, ainda encontram eco na moldura da realidade descrita pelo antropólogo naquela época. Em contrapartida, tomarei a obra de Wagley para estabelecer algumas semelhanças, resquícios, elos de ligação, se é que há desse tempo, a fim de nos aproximarmos do que é hoje uma comunidade rural amazônica em redes.

É mera coincidência que a comunidade rural amazônica do Caburi, contexto deste estudo, também esteja situada na região do Baixo Amazonas. Assim como na comunidade amazônica de Wagley, onde se destacava do fundo verde-escuro da vegetação, nítida e colorida, a igreja, na comunidade do Caburi, esse é também o primeiro prédio que desponta na paisagem do lugar. Em seguida, na descrição de Wagley, o segundo edifício era a Prefeitura, seguido de uma fila de casas baixas, pintadas de cores claras de frente para o rio. Havia também um trapiche municipal construído de estacas sobre o rio, afixado à terra por uma longa prancha, nas palavras do autor: “[...] Assim vista do rio, a cidade parece um quadro emoldurado pela folhagem verde-escura das mangueiras enormes e das palmeiras que lhe guarnecem as beiras” (Wagley, 1976, p. 45).

Na comunidade do Caburi, além de a igreja ser ainda o prédio principal, um lugar que ganha cada vez mais um nível de importância social na comunidade é o espaço do Mercado, onde agora existe uma *wi-fi* gratuita e onde as pessoas, além de irem comprar algum alimento, como peixe, carne, verduras, podem acessar a internet e se comunicar com as pessoas de dentro e de fora da comunidade.

Foi a partir da notícia de inserção da *wi-fi* na comunidade em 2017 e da instalação de uma espécie de praça digital nesse espaço, como uma repercussão do Projeto de Cidade Digital implantado em Parintins, Amazonas, que elaboramos a seguinte pergunta de pesquisa: em que medida e por quais aspectos essa tecnologia, *wi-fi*, redimensiona e reconfigura os usos e sentidos de habitar o espaço da comunidade rural? Tanto nas interações sociais cotidianas no âmbito de suas relações familiares (no círculo pessoal de amigos da família, empreendido e firmados na esfera da vida *off-line*), quanto às relações e às articulações com a cidade de Parintins, possibilitadas agora com as conexões que eles fazem com seus amigos de áreas urbanas?

Para tanto o caminho metodológico escolhido foi a etnografia propriamente dita, que compreendeu todo o ano de 2018, em que realizei à comunidade do Caburi um total de cinco viagens e acompanhamentos de alguns jovens na sua relação com a área urbana da cidade de Parintins a partir de observações em grupos do aplicativo de mensagem de *WhatsApp*. A abordagem metodológica etnográfica foi a mais adequada à medida que pressupõe a imersão no universo da cultura pesquisada e se utilizou da observação participante para investigar as diferenças entre o que as pessoas dizem fazer e o que elas fazem realmente (Boellstorff, 2012, p.54). A pesquisa se norteou pelos pressupostos metodológicos da etnografia digital, idealizada e aplicada por Miller (2015) em recentes pesquisas empreendidas para investigar o impacto de tecnologias de internet e uso de mídias sociais em uma pesquisa etnográfica comparada, realizada em 9 países.

A etnografia digital não entende de forma dualista a relação real/virtual, tanto que os termos empregados são *on-line* e *off-line*. O olhar do pesquisador ou pesquisadora deve estar orientado a compreender as atividades *on-line* do grupo estudado no contexto de sua vida *off-line*, incluindo suas relações sociais, trabalho, entretenimento e crenças. Para tanto, fui adicionada a 4 grupos de *WhatsApp* da comunidade, a saber: grupo Distrito Caburi, boi bumbá Chamosinho, Família Santarém, e, por último, em um grupo de uma igreja evangélica. Ressalto que, por questões éticas, tomei como prerrogativa o anonimato de todos os jovens e moradores que participaram da pesquisa, ocultando suas identidades originais, assim como as suas imagens compartilhadas e utilizadas no trabalho.

Nas incursões *off-line* na comunidade realizamos entrevistas em profundidade, com um total de 22 pessoas durante a investigação, dentre as quais 16 foram jovens ribeirinhos urbanos e demais pessoas que assistiram e participaram mais diretamente dos processos da inserção e

mediação das comunidades ribeirinhas com as tecnologias digitais. Tarefa que permitiu a pesquisadora olhar a comunidade rural tanto por meio das suas articulações *off-line* como também de suas ações *online*.

1. A comunidade do Caburi

A comunidade rural do Caburi, localiza-se aproximadamente a 60 km por via fluvial do município de Parintins, Amazonas e diferencia-se das demais comunidades no Baixo Amazonas atualmente por ser uma comunidade pólo da cidade de Parintins, onde ocorreu a implantação do projeto Cidade Digital. Caburi é uma das que apresentam maior apropriação das características do urbano, segundo Silva (2009), dada a sua infraestrutura com escolas, ruas asfaltadas, entre outras. Entretanto, não se configura na sua totalidade como um local eminentemente urbano, pois são muitos os aspectos da vida rural ainda presentes, que conferem a essa comunidade dimensões de uma vida mais conectada a um convívio em comunidade.

Na Amazônia, de um modo geral, o termo “Comunidade”, conforme Silva (2009), é utilizado para denominar as concentrações populacionais da área rural. Nos estudos de Wagley sobre a região do Baixo Amazonas, as iniciativas de formação de comunidades podem ser vistas desde a década de 40 e 50 do século XX, mas é só com os movimentos da Teoria da Libertação e Comunidades Eclesiais de Base que os ribeirinhos vão se reconhecer em comunidade.

A própria configuração do espaço e da importância que a igreja assume no espaço da comunidade amazônica do Caburi, uma vez que nesta o templo católico figura como prédio central no espaço de sociabilidade tradicional, é, portanto, uma evidência do modo de vida ligado aos princípios tradicionais cultivados pelos moradores, que aparecem nas mídias sociais em seus compartilhamentos.

2. Ribeirinhos urbanos amazônicas: cultura e sociabilidade

A Amazônia contempla uma multiplicidade de populações indígenas, caboclas, ribeirinhas e quilombolas. Não obstante diante das multiplicidades de compreender a Amazônia, tomemos aqui o conceito de cultura pela ótica do plural, à medida que se trata de falar de culturas, e não

somente de uma cultura, levando-se em consideração a formação social da Amazônia desde a sua colonização.

Cabe falar na existência de uma etnodiversidade, conforme Agra e Silva (2013), dada as inúmeras representações de mundo dos povos que habitam esses espaços. Levando em consideração essa configuração sociocultural, podemos afirmar que os moradores do Caburi, na sua maioria, têm descendência indígena, tendo em vista os estudos de Wagley (1976) sobre a influência indígena na maioria das comunidades do Amazonas. De acordo com ele, essas influências estão claramente visíveis na maneira de viver das pessoas, na sua alimentação, nas crenças populares e em sua religião, embora isso contraste com a presença marcante da igreja católica desde a colonização e nos dias atuais com a crescente atuação de denominações evangélicas nesses espaços.

Entretanto, as populações que habitam as comunidades rurais são reconhecidas nesta parte da Amazônia, como populações ribeirinhas, mesmo esta denominação seja mais utilizada para qualificar moradores de áreas rurais e que tem uma forte relação com a água, dada a dinâmica da vida dá-se em função do regime das águas, das épocas de cheia e seca na Amazônia. Tais transformações são corriqueiras e tornam-se fatores essenciais na compreensão da dinâmica cultural e na forma como eles se relacionam com o seu habitat.

Assim, concordamos com Loureiro (2001, p.125 apud Castro, 2015), ao afirmar que a experiência social dos amazônidas da comunidade do Caburi é permeada por uma realidade composta por sistemas fluviais e matas onipresentes na forma de vida desses moradores, cenário em que o rio é um componente presente na vida desses sujeitos amazônicos, pois ele envolve tudo – a vida e a morte, a fertilidade e a carência, a formação e destruição das terras, a inundação e a seca, a circulação humana e de bens simbólicos e a sociabilidade.

Podemos tomar também o universo dessa comunidade amazônica como similar a uma área rural integrada como bairro da área urbana de Manaus, segundo Andrade (2013), que explica muito das características desse modo de vida híbrido de comunidades e bairros próximos de cidades na Amazônia. Dessa forma, tomamos os moradores da comunidade amazônica do Caburi como uma população de características ribeirinhas urbanas, tanto pela relação e circularidade que tem com o espaço da cidade de Parintins, área urbana, quanto por se inscrever ainda com aquilo que Trindade Júnior (2011) considera como a dinâmica do tempo do rio e de viveres pautados em modos de vida tradicionais.

Diante de tais características, concordamos com Fraxe (2004) acerca de que moradores como os ribeirinhos urbanos do Caburi ainda cultivam parte da feição mais tradicional da cultura, no que toca à conservação de valores mais tradicionais. Nesse contexto, a cultura é assentada pela transmissão oralizada, bem como na relação com a água no seu cotidiano, um dos elementos norteadores na compreensão do universo e de quem habita a Amazônia.

Cabe destacar aqui um aspecto da sociabilidade ribeirinha observada por Wagley (1976, p. 53) em relação aos laços de família e às relações de amizade, é que a residência em comum, a amizade e o “parentesco espiritual” entre padrinho e afilhado são considerados vínculos tão importantes quanto os de parentesco consanguíneo entre os moradores.

Dessa forma, as relações de amizade firmadas são prescritas pela dinâmica como eles entendem a vida em comunidade nessa parte da Amazônia. As práticas de ajuda mútua, citadas por Wagley e Fraxe (2000) são tomadas como integrantes das relações sociais em comunidades do Amazonas. Na comunidade do Caburi, a dinâmica de interação social ainda se pauta por essa configuração de sociabilidade descrita por Fraxe (2000) e Wagley (1976), ao mesmo tempo em que agora passa a conviver com as configurações de sociabilidade atreladas às dinâmicas da cidade na feição em torno da *wi-fi*, como veremos adiante.

3. Marcas do caminhar etnográfico na comunidade amazônica

Caburi e algumas comunidades rurais¹ na Amazônia ilustram o alcance da vida digital em que estamos imersos. As tecnologias digitais, bem como o uso de celulares com acesso à internet e ambientes com *wi-fi* já fazem parte de alguns contextos rurais na Amazônia Brasileira. Podemos dizer que essas tecnologias vêm ainda complexificar e acrescentar mais camadas aos processos de sociabilidades agora mediados por dispositivos móveis (celulares, *wi-fi*), aquilo que Carneiro (1998) chamou como de “novas ruralidades”, não permitindo mais olhar essa realidade pelo viés dicotômico à medida que o intercâmbio entre o espaço urbano e rural se tornou agora ainda mais contínuo.

¹ Em comunidades do Pará, como a Ilha de Murucutu e a cidade ribeirinha de Afuá, resguardadas suas particularidades e dinâmicas socioculturais, as descobertas revelaram toda uma transformação do contexto social desses lugares e das relações que as pessoas têm com as tecnologias. A interação por meio dos smartphones com os jovens de Murucutu, decorrentes do uso do aparelho mostrou que esses dispositivos são perfilados de maneira diferenciada na localidade. Já em Afuá, a inserção no digital dos moradores foi comandada pela convergência dessa tecnologia na interação com o rádio.

A ação de caminhar na comunidade sofreu mudanças com a introdução da *wi-fi*. Os passos agora sensíveis aos dispositivos de quem porta um celular e passa pelos arredores do mercado e parte da frente da Igreja é interrompido pelo sensor do celular, espaço que agora também funciona como praça digital. Pela ação do barulho do som do celular, sou avisada das notificações de mensagens pelos aplicativos de conversação on-line no encontro com uma rede *wi-fi* gratuita. A descrição desse cotidiano é uma das ações que as tecnologias digitais exercem sobre o nosso agir na contemporaneidade, e é também a experiência de mediação tecnológica que algumas comunidades rurais na Amazônia começam a experimentar no seu cotidiano.

O depoimento de uma moradora do Caburi evidencia as transformações por quais passam a comunidade amazônica com a chegada da *wi-fi*:

Antes do *wi-fi* as pessoas não sabiam dar notícia, né, a gente sabia através do rádio, e era muito ruim a comunicação. Hoje, nós sabemos a notícia em tempo real, porque ninguém vive sem o aparelho *smartphone*, ou celular (Jovem, 29 anos, professora e estudante de curso de Educação à Distância – EAD).

Tais evidências apontam para a reconfiguração desses lugares face à introdução e à presença de tecnologias digitais nesses contextos ainda marcados por experiências sociais que conjugam características ainda tímidas dos processos de urbanização. Nesses termos, partimos da ideia de várias Amazônias, dado que suas populações vivem múltiplas territorialidades, dependendo da proximidade com cidades que conectam e reconectam suas populações com a floresta e a comunidade rural.

Sabemos, por outro lado, que tais transformações são provenientes ou resultado, como afirmam Di Felice (2009), Firmino e Duarte (2012) e La Rocca (2018), de uma dinâmica própria da técnica contemporânea que impõe repensar sobre a experiência territorial em um espaço ampliado pelos meios digitais, realidade mais visível no ambiente urbano das grandes metrópoles.

À medida que fazemos algumas aproximações entre a Comunidade de Wagley e a Comunidade do Caburi, em sua disposição física e por vezes quanto à condição política e social, podemos dizer que muito há de semelhança, quando ele descreve:

[...] Em Itá, as residências melhores e mais permanentes ficam à beira do rio, enquanto as barracas pobres estão situadas longe dele, escondidas da vista. [...] O equivalente do bairro pobre em Itá é do outro lado do rio. [...] Os habitantes das localidades distantes da municipalidade vão às vezes a Itá, na ocasião da festa anual de São Benedito, mas este é

um acontecimento que atrai gente de todo o Baixo Amazonas, e os moradores distantes ali comparecem como visitas, tal e qual as pessoas de fora. [...] As relações sociais com seus moradores são geralmente, pouco frequentes. [...] a população rural da comunidade mora em casas isoladas, espalhadas ao longo das margens desses riachos. Na realidade a forma de colonização em toda a Amazônia é de pequenas casas determinadas, próximas às vias fluviais, principais meio de transporte (Wagley, 1976, p. 50-51).

Por outro lado, em muito nos distanciamos quando observamos a conotação de isolamento dada por Wagley, embora ainda possamos encontrar hoje, quando navegamos pelo rio Amazonas, muitas casas isoladas às suas margens. No tempo do estudo do antropólogo, havia uma certa dinâmica de movimentação entre cidade e campo e vice-versa, entretanto, ainda de modo pouco expressiva.

Assim como os habitantes de Itá, os moradores da comunidade do Caburi, no Amazonas, são brasileiros, participam e têm acesso com algumas limitações à vida regional e nacional, pois a existência de *wi-fi* gratuita não se configura como uma realidade da maioria das comunidades rurais na Amazônia². A categoria de isolamento utilizada pelo antropólogo para caracterizar a realidade de comunidade amazônica não encontra fundamento para qualificar hoje o “atraso” por qual o mundo rural muitas vezes é tomado. Ainda que a comunicação não esteja em condições ideais quanto à qualidade do sinal de acesso de internet por satélite e banda larga na maioria das regiões na Amazônia, a situação em muito se distancia de outrora em que a circularidade de informação por meio de jornais e revistas era quase uma raridade e de acesso limitado a uma minoria alfabetizada.

Em seu estudo, Wagley descreve um cenário de comunidade amazônica de altos e baixos que reflete as principais tendências do Baixo Amazonas, onde a comunidade de Itá encarna as mazelas do sistema econômico predatório do tempo colonial, voltado exclusivamente para exportação, assim, vulnerável a qualquer crise, e o resultado era quase sempre o abandono da região. Atualmente, mostra-se um pouco melhor e diferente da realidade estudada pelo antropólogo, apesar de que hoje a dependência e os modelos de exclusão assumam outras configurações, ao tomarmos como norte a diferenciação do espaço urbano na Amazônia

² Segundo o relatório “Recortes e cenários educacionais em localidades rurais e ribeirinhas no Amazonas”, nas escolas com funcionamento de ensino mediado por tecnologias, a internet está presente apesar de muitas falhas no sinal, mas o modelo permitiu a chegada de internet *wi-fi* em muitas comunidades rurais.

discutido por Becker (2005)³, o que não nos permite tomar e olhar os processos de ocupação e urbanização e acesso às tecnologias digitais de forma homogênea.

4. A comunidade *off-line* e o estar em rede da experiência comunicativa

Em nossas idas a campo e viagens – a primeira ocorrida no mês de julho de 2016 e a segunda, no mês de fevereiro de 2017, o interesse foi mapear essa complexa cadeia que temos entre humanos, máquinas, artefatos de mídia, ambientes físicos e temporalidades na Amazônia, tendo em vista mudanças nas práticas de comunicação em tais ambientes por meio de internet móvel.

Ao chegar à comunidade do Caburi, o primeiro impacto foi que ficamos completamente sem comunicação, não havia sinal de celular algum. A operadora Oi, que tinha concessão na região, não cobria com sinal suficiente a localidade. Quem mora na comunidade relatava que tem de ligar para Parintins e depois esperar que as pessoas retornem à ligação para então se comunicar. Depois de 5 meses de nossa ida à comunidade, constatamos que atualmente existe um aplicativo da operadora Vivo, chamado TU Go, por meio do qual é possível aos moradores realizarem chamadas e enviar SMS via internet por *wi-fi* ou 3G/4G.

A dinâmica de mobilidade pelo rio era intensa. Todos os dias existem lanchas e barcos que fazem o trajeto à área urbana de Parintins. As crianças e jovens ribeirinhos diariamente se deslocam de comunidades rurais próximas à escola na comunidade por meio de embarcações fluviais. Essa era a rotina de jovens estudantes ribeirinhos na Amazônia.

Um dos moradores da comunidade, proprietário de voz comunitária, nos detalhou um pouco da história da comunidade e das transformações pelas quais passam esses lugares: a história da comunidade se confunde com a implantação de missões na Amazônia, comandadas pelo Marquês de Pombal, século XVII, época do Brasil Colônia, e, depois, por um processo intenso de ocupação do território. Em 1979, a localidade foi elevada à categoria de comunidade pela Confederação dos Bispos do Brasil, e mais tarde foi formada a Agrovila do Caburi.

³ Rocha (2013), citando Bertha Becker (2005), assinala que os modelos de urbanização são de 4 tipos: urbanização espontânea, em que o Estado favorece a apropriação privada; a urbanização por colonização planejada pelo Estado, a exemplo da Transamazônica e de ações do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA); a urbanização de enclave comandada por grandes projetos de mineração e de madeireiros e a tradicional de ocupação às margens de rios, chamadas de padrão dendrítico.

A comunidade rural serve de entreposto a outras comunidades rurais menores espalhadas no interior da Floresta Amazônica, como Vila Nogueira, Santa Terezinha, São Francisco do Palhau, Buiucu, Esperança e Monte Sinai. Segundo informações obtidas na época, na escola estadual, existiam aproximadamente 6 mil habitantes na sede, dentre os quais vivem cerca de 500 jovens na comunidade.

Por outro lado, a comunidade guarda aspectos de cidade na sua fisionomia física por possuir serviços urbanos, como iluminação pública e abastecimento de água encanada, ruas asfaltadas, prédios públicos, escolas municipais e estaduais, creches, telefonia, posto de saúde e outros. As atividades econômicas estão ligadas ao meio rural (agricultura 26% e pesca 20%), ao crescimento de atividades ligadas às cidades, como o funcionalismo público, e às atividades autônomas, como o comércio e a prestação de serviços (Silva; Oliveira, 2010, p. 4).

O ambiente de mídia na localidade é híbrido, com forte vocação para os meios da ordem da oralidade, como rádio e sistema de voz comunitária. Na comunidade, existem 3 vozes comunitárias: Voz Paraíso, Voz Cabocla e Voz Comunicadora. A voz funciona desde outubro de 2002, ou seja, há 20 anos. A rádio vai ao ar toda tarde, e dura em média 20 minutos, e os anúncios veiculados são de interesse da comunidade, tais como anúncios de reuniões de sindicato de produtores rurais, festas e compra de produtos locais são anunciados pela voz. Segundo o proprietário da voz, a internet por meio do *wi-fi* não acabou com o espaço da voz; o único impacto é que as pessoas não usam mais telefone fixo.

A voz comunitária tem atuado na troca de informações com as comunidades rurais do entorno. Em paralelo, os moradores da comunidade também já utilizam a internet para se comunicarem com os familiares dentro e fora da comunidade amazônica.

A internet, segundo um representante da empresa e proprietário de um dos quiosques que vendem *wi-fi* espalhados pela comunidade, vem de um link de Oriximiná (PA) e cobre alguns municípios do Baixo Amazonas. De acordo com ele, no Pará, a internet é banda larga, no entanto, devido à dificuldade da extensão territorial para chegar às comunidades, como no caso do Caburi, com um percurso denso da floresta Amazônica, a internet é estendida por meio de uma torre que liga à outra, situada em 50 km do município de Barreirinha, no Amazonas. Nesse sistema, a empresa atua desde 2011 com radiofrequência.

O mais curioso dessa realidade é a forma como era vendida e distribuída a internet por meio de pacotes aos usuários. Geralmente, a população jovem da comunidade que *comprava wi-*

fi se concentrava ao ar livre, em bancos nas ruas da comunidade, para pegar um sinal mais rápido. Para ter acesso aos pontos de *wi-fi* espalhados pela comunidade, os usuários poderiam se conectar à época da ida a campo em 2016, por 1 hora a R\$ 2,00 reais, 1 semana por R\$ 20,00 e por mês a R\$ 70,00 reais.

Em conversas informais com comerciantes locais, eles afirmaram vender aos moradores pelo sistema de roteamento de pacote que eles adquirem para seus próprios consumos. Eles afirmavam que a internet era cara para a economia da comunidade, e a estratégia que eles encontravam foi rotear para o consumo. Nesse sistema, vão popularizando a internet na comunidade. Essa prática em cidades da Amazônia é bastante disseminada, em comércios menores em bairros populares. Notamos que à medida que a internet se torna cada vez mais uma necessidade para as famílias nessa localidade, é incorporada de igual forma como tais bens de consumo dentro da própria dinâmica cultural.

Frente a essa dificuldade de se comunicar, as operadoras de internet ganham cada vez mais espaço na prática de comunicação móvel, principalmente entre os jovens, que se aglomeram no final da tarde, quando o sol se põe, para acessar a internet e bater papo por aplicativos de comunicação on-line.

Miller (2015) chama-nos a atenção para o princípio da falsa autenticidade de tecnologias pré-digitais na constituição de sociabilidades. Ele argumenta que há certa nostalgia por determinados tipos de sociabilidades ou humanidades dadas como perdidas devido às novas tecnologias. O autor nos adverte para não cairmos na premissa de uma visão de humanidade autêntica, de um estado mais natural e menos mediado: “A mediação e a contradição são as condições que definem aquilo que chamamos de cultura” (Miller; Horst, 2015, p. 105).

5. A comunidade e o estar nas redes digitais

Aliados a esse modo de vida inerente ao habitat dos ribeirinhos urbanos em que as comunidades rurais como a comunidade amazônica do Caburi constituem-se em redes, na cooperação de ajuda mútua entre os moradores e parentes que residem na área urbana, vimos esse movimento se expandir para as redes digitais à medida que os espaços da comunidade são integrados à *wi-fi*. Faz-se conveniente, dessa forma, entendermos a lógica dos fluxos informacionais e dos processos globais da sociedade em rede.

No prefácio de “A Sociedade em Rede”, Castells (2010) já sinaliza a emergência de mudanças radicais protagonizadas no âmbito da comunicação. Paralelo a isso, irremediavelmente vivemos numa sociedade em rede, que, para Castells (2010), constitui-se como uma estrutura social identificada pelo autor no final do século XX, formada por redes em todas as dimensões fundamentais da organização e da prática social. A sociedade em rede, para Castells (2010), é um sistema global que engendra uma forma de globalização na contemporaneidade. Por outro lado, a sociedade em rede está longe de significar uma equidade de acesso ao uso da informação. Há uma consequente geografia da desigualdade social, econômica e tecnológica.

Durante todo o percurso da pesquisa, mais precisamente no ano de 2018, pude ver a comunidade amazônica do Caburi de duas formas: *off-line* e *on-line*. Na versão *off-line*, fiz e refiz o caminho à comunidade pelo rio Amazonas, estabeleci relações de amizade com alguns moradores, fiz contato com a Escola Estadual da localidade, acessei a *wi-fi* do ponto das lan-houses, do mercado, fiquei hospedada em uma das viagens na casa de uma das minhas interlocutoras da pesquisa, conversei com as pessoas nesse espaço quando acessavam internet, como também pude ver o movimento e as mudanças a partir da articulação deles por meio da plataforma de *WhatsApp*.

Foi por meio dessa plataforma que estava inserida em 4 principais grupos da comunidade: Distrito do Caburi, Boi Bumbá Charmosinho, um grupo de família e de uma igreja evangélica, os quais possuíam respectivamente 71, 56, 23 e 50 participantes adicionados, conforme figura 1, 2, e 3 respectivamente, pude ver seus compartilhamentos e o desenho das modificações percebidas no tempo em que estive na comunidade.

Anteriormente, afirmamos que o cenário da comunidade amazônica do Caburi por meio da *wi-fi*, na sua relação de conexão com a cidade, sofreu transformações na sua dinâmica de sociabilidade e de comunicação para além dos espaços tradicionais como Igreja e Escola existentes na comunidade. Do ponto de vista teórico das transformações sociais por quais passam as sociedades contemporâneas ocidentais, encontramos algumas fundamentações no pensamento de Maffesoli, interpretados por Lemos (2002) para pensar as transformações nas dinâmicas de sociabilidades na comunidade amazônica.

Segundo Lemos (2002), na visão de Maffesoli, o que vai marcar a atmosfera da sociedade contemporânea é a socialidade, ao invés da sociabilidade, para quem tais conceitos são

diferentes e apresentam-se em oposição um a outro. Para ele, a socialidade é um conjunto de práticas quotidianas que não são capturadas pelo controle social (tais como hedonismo, tribalismo, presenteísmo), na verdade, é uma característica de toda forma social.

A forma social que emana da socialidade mostra-se diferente da sociabilidade à medida que esta, para ele, é a forma institucionalizada das relações sociais típicas da modernidade com ênfase em uma racionalidade implacável. Lemos entende, assim como Maffesoli, que, na contemporaneidade, a socialidade, essa forma não institucional, tribal, é que comanda a feição da sociedade contemporânea.

Isso significa que podemos ver as duas formas sociais se manifestarem concomitantemente em determinadas ocasiões. No caso da comunidade amazônica do Caburi, a configuração de *wi-fi* no espaço da comunidade fez alguns deslocamentos da dinâmica social dos moradores e de jovens desse espaço, pois veremos mais à frente que tensões nos relatos de jovens ribeirinhos urbanos, quando da interseção da *wi-fi* tanto nos arredores da Igreja, como no espaço da escola, sofrem questionamentos quanto aos seus limites na atuação de seus usos.

Ao mesmo tempo em que as evidências de uma forma social de socialidade se fazem presentes e se sobressaem nas dinâmicas e articulações dos jovens por meio, sobretudo, do WhatsApp nos grupos da comunidade através da emergência de banalidades do quotidiano compartilhados com a troca de fotos, vídeos muitas vezes fora dos protocolos que regem a sociabilidade tradicional, assim como mensagens, memes. Vemos, por outro lado, que a sociabilidade, digamos, mais tradicional, institucional também é fortalecida, uma vez que as instituições tradicionais como Igreja e Escola se fazem presentes no espaço tecnodigital onde se operam as relações.

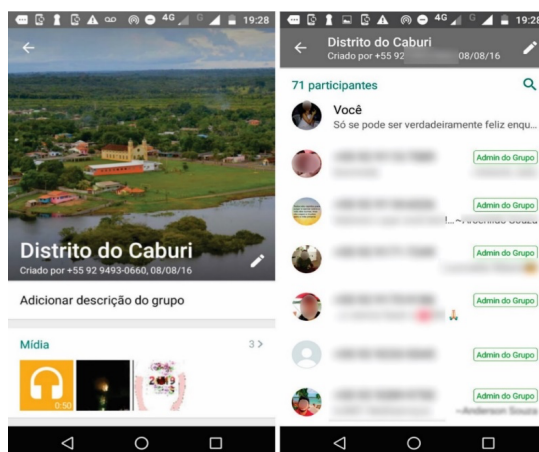
Notamos que essas formas sociais se apresentam e se tornam mais claramente visíveis em ação quando capturadas pelo agir dos moradores na plataforma digital, o que poderia escapar aos olhos de quem pesquisa em uma análise somente centrada em uma incursão off-line, sem o acompanhamento dos rastros e vestígios pela inserção no digital em longo prazo.

Dessa forma, embora reconheçamos que a socialidade, como bem postula Lemos (2002), a partir da obra de Maffesoli, tenha uma repercussão e destaque na configuração da “sociedade em rede”, entendemos aqui que a comunidade amazônica investigada, por se tratar de uma comunidade em que ainda conjuga formas bastante tradicionais de sociabilidade, em que os laços de comunidade são convocados e articulados nos domínios do digital para o fortalecimento

desse formato de vida em comunidade, consideramos que as duas formas sociais se fazem presentes na dinâmica social como componentes das dinâmicas e das complexidades de várias facetas que emergem na cultura local.

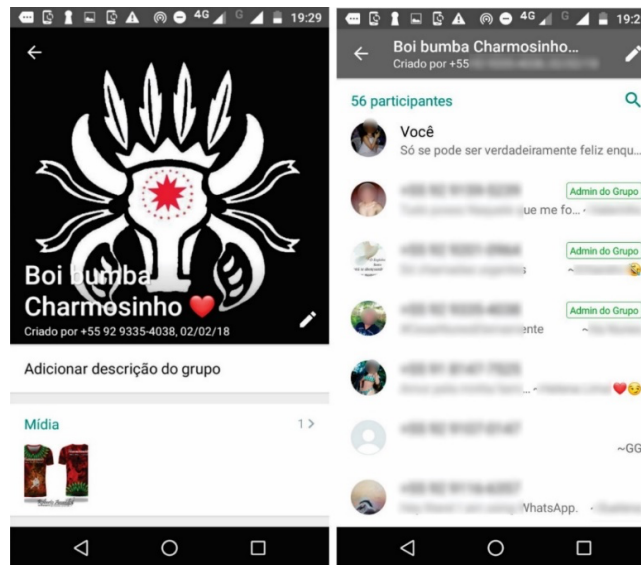
Lemos (2002) reitera que Maffesoli argumenta que as “novas tecnologias”, as tecnologias digitais vão desempenhar um papel crucial nesse processo, no nosso entender, de desvelamento das facetas da socialidade contemporânea. “[...] Ao invés de inibir as situações lúdicas, comunitárias e imaginárias do social.” (Lemos, 2002, p. 90). Ainda que tais dimensões existam para além do digital, por outro lado, entendemos que a inserção no digital estimula que essas manifestações apareçam mais frequentemente em circulação. Nos posts dos grupos da comunidade a seguir, isso ficará mais evidente. Vejamos a comunidade amazônica a partir das relações sociais tecidas e compartilhadas por meio da mídia social de *WhatsApp*.

Figura 1 – Capa de identificação do grupo da comunidade no *WhatsApp*.



Fonte: Etnografia digital, 2018.

Figura 2: Capa de identificação do grupo do Boi-Bumbá Charmosinho.



Fonte: Etnografia digital, 2018.

Nesse sentido, como assinala Michael Hanke (2002, p. 1), “a comunidade é precisamente o espaço das relações intersubjetivas, é socialmente vivida, sempre se refazendo, em permanente construção”. Essa assertiva corrobora as mudanças que acompanhei durante o processo de investigação junto à nova configuração de comunidade amazônica a partir da sua inserção no digital.

Embora fossem visíveis as transformações nessa comunidade pela presença da *wi-fi* no espaço de sociabilidade off-line, no espaço do mercado e de pontos ao longo da comunidade amazônica, as dinâmicas das articulações no digital, as compartilhadas pelo *WhatsApp*, indicaram para a existência do que chamamos de novas conectividades ribeirinhas urbanas, pois, mesmo no início da pesquisa, no levantamento de campo, não imaginava um volume e tráfego tão grande de mensagens, posts, fotos e vídeos entre os moradores da comunidade.

Esse cenário foi, em certa medida, a expectativa de Miller e Slater (2001), quando pensaram encontrar a internet em Trinidad, por julgarem que o uso e alcance fosse bem limitado, eles encontraram uma realidade bastante complexa de apropriação na cultura trinidadiana não apenas centrada em segmentos isolados, mas em vários espaços, como casas, empresas, escolas, bibliotecas e, em um exemplo notável, uma rua residencial inteira, que acessava a internet através de uma espécie de conta coletiva, em que várias pessoas podiam se conectar. A internet já era enorme em Trinidad e já havia se tornado um modo de ser. (Miller; Slater, 2001, p. 27-30).

Figura 3: Capa de identificação do grupo de uma família de um dos jovens interlocutores no WhatsApp.



Fonte: Etnografia digital, 2018.

Da mesma forma, a internet na comunidade amazônica do Caburi, em nossas idas no início de 2018, pareceu ter uma dinâmica peculiar em face das características de culturas amazônicas ribeirinhas. Em um levantamento de um número de 100 casas⁴, realizado no período sobre o consumo de mídia e acesso à internet, constatamos que, além da TV e do rádio, o celular fazia-se integrante dentro do rol de artefatos tecnológicos. Na comunidade, até o período desse levantamento, em junho de 2018, somavam-se 208 celulares do tipo smartphone e, em grande medida, esse artefato tecnológico atuava como agente articulador na configuração dessa comunidade em redes, tal como um actante⁵, como entende Latour, sobre o que vem a ser a ação social.

⁴ Nesse levantamento, constatamos que existem aproximadamente 2.005 celulares na comunidade, tomando-se como referência os 4.821 habitantes e a média de 5 pessoas em cada 100 casas pesquisadas durante o mês de maio de 2018.

⁵ De acordo com Lemos (2013), o termo é emprestado da semiótica greimasiana e é tudo aquilo que gera uma ação, que produz movimento e diferença. Ele pode ser tanto humano como não humano. Ele é o mediador, o articulador que fará a conexão e montará a rede e fora dele em associação com outros.

A dinâmica de interação na comunidade do Caburi constituiu-se por vários pontos de internet espalhados pelos espaços da comunidade. É assim que os moradores se conectam à internet e à cidade de Parintins. É revelador como a *wi-fi* agenciou nessa configuração o espaço da comunidade amazônica e o compartilhamento das informações entre os moradores. Vejamos a explicação de um morador, dono de *lan house* sobre a distribuição e comunicação do sinal de internet.

A gente só tem acesso através da internet wi-fi, a internet via rádio, que a gente tem lá. A gente não tem comunicação com a antena, tipo antena da Vivo. A gente só se comunica através do wi-fi. Como a gente faz essa comunicação? A nossa internet, que a gente tem no Caburi, ela vem de Oriximiná – Parintins – Parintins – Barreirinha – Caburi, através de antenas que se conectam a 50 km, chamada ponto a ponto, a gente consegue se comunicar através disso aí, chamada internet via rádio. Lá onde a gente mora, a gente usa roteador para jogar o sinal do wi-fi para o celular, e o celular se conecta ao roteador para fazer a comunicação. A antena principal joga o sinal através de painéis, joga o sinal wi-fi, e o cliente, pra ter internet em casa, ele precisa de uma outra antena para receber o sinal.

Nota-se como um conjunto tecnológico constituído por antenas, celulares e roteadores atuou na mudança da dinâmica da comunidade do Caburi, tal como Pereira (2012) apontou sobre a capacidade de várias mídias interligarem-se umas às outras, formando uma cadeia de mídia de artefatos tecnológicos, os chamados arranjos midiáticos. É assim que a comunidade mantém sua conectividade com a rede global e empreende as novas conectividades ribeirinhas urbanas por meio de vários grupos de *WhatsApp*.

Para além da funcionalidade de tais artefatos para manter a conexão na comunidade, a forma como ocorreu a distribuição da internet permitiu a rearticulação da comunidade em redes de tal forma que os moradores atuam em mídias sociais, especialmente por grupos de *WhatsApp*. É por meio de alguns grupos através dessa plataforma que compartilham informações, veiculam notícias de utilidade pública e mantêm-se conectados com outros parentes e amigos na área urbana de Parintins.

Entretanto, esse atuar em redes via plataforma digital não anula a forma de atuar em redes na acepção mais tradicional do termo. As redes expandidas para a plataforma de *WhatsApp* ajudam no fortalecimento da ajuda mútua e da solidariedade na comunidade.

A percepção, nesse espaço de comunidade mudou com essa configuração de internet, à medida que a comunidade ganha status de “cidade”, como podemos constatar nesse depoimento:

Porque tendo internet é como se fosse uma cidade grande, a pessoa consegue fazer o que ela quiser na internet, marcar encontro, por exemplo, ainda mais agora com wi-fi grátis que a prefeitura paga. Eu achei bom, porque muita gente não tem condições de pagar internet. (Proprietário de lan-house, 25 anos).

Essas mudanças na percepção dos moradores podem ser compreendidas quando J. Leite (2011), no texto “Mediações tecnológicas no espaço urbano”, afirma que os usos sociais das tecnologias de informação e de comunicação, TICs, junto com o atual contexto cultural, as tecnologias digitais de comunicação não mudam as relações sociais ao introduzirem uma mediação dessas, mas, os dispositivos tecnológicos protagonizam uma espécie de mediação sensível que possibilita a percepção da cidade e a partilha da experiência urbana.

Acreditamos que essa mediação sensível é percebida pelos moradores e jovens da comunidade amazônica do Caburi à medida que eles em suas falas se remetem ao espaço da comunidade como espaço de cidade, e isso pode ser visto ao longo dos compartilhamentos pela mídia social *WhatsApp*. Por outro lado, acreditamos que as mudanças a partir de sua inserção no digital se dão na forma como se comunicam na plataforma. É perceptível como a comunicabilidade ribeirinha urbana é alterada, na versão dos avisos veiculados pelo rádio, frente agora às novas conectividades ribeirinhas urbanas que se dão pela plataforma.

Há ainda uma mudança de sentimento quanto à dinâmica de sociabilidade inaugurada por essa nova realidade. Antes da internet na comunidade, os moradores relataram que a maior dificuldade era a comunicação com quem mora na cidade de Parintins. Os recados a terceiros eram a forma de comunicação mais utilizada.

Antes, a comunidade era uma comunidade esquecida, triste; assim, tu não tinha aquele meio de comunicação, tinha os orelhões que era antigamente, e davam problema. Antes tu tinha uma comunidade que tu não tinha como mandar um recado, era assim: você vai pra Parintins, se tu encontrar a tal pessoa, tu dá esse recado pra ela então pra ela me ligar; era assim, tu mandava alguém dar recado pra aquela pessoa, tu não tinha aquele meio de comunicação. Agora, com a chegada da internet, veio mudar, tu não precisa mais, às vezes, tem pessoas que já compram o celular pra usar a internet, então a internet facilitou muito (Agricultora, 27 anos).

Para os moradores, sobretudo os mais jovens, a internet é um espaço a mais para o entretenimento na comunidade. Como eles vivem em redes densas de vizinhança, o acesso à rede permite um alargamento das relações de amizade e da busca de novas parcerias para o fortalecimento de redes de solidariedade e ajuda mútua existentes. Ao tomar o Caburi como uma

comunidade amazônica em redes, podemos perceber uma dinâmica de comunidade, marcada pelas relações familiares e relações de vizinhança, onde as pessoas se reconhecem ainda pelo nome e mantêm vínculos de solidariedade e ao mesmo tempo constatamos sua inserção na esfera globalizada com a mediação de internet *wi-fi* em todas as esferas da vida social.

Considerações Finais

Em nossas observações etnográficas, constatamos que a aquisição de smartphones, aliados às redes digitais de *wi-fi* potencializaram uma maior interação dessa comunidade amazônica com a cidade de Parintins. O artefato digital foi um dos elementos importantes na articulação e na versão do formato de comunidade em redes apresentada nesta pesquisa.

Nessa comunidade amazônica em particular, o smartphone permitiu a inclusão digital dos moradores na “sociedade em rede” de uma forma colaborativa, o que em certo sentido também reflete a iniciativa deles garantirem assistência aos demais, assim como o fortalecimento de formas tradicionais de sociabilidades cultivadas pela comunidade, expressando, por outro lado, uma defesa também diante dos desafios enfrentados por eles na comunicação com a cidade.

Esse habitar mediado pela *wi-fi* e por celulares integrados implica tanto uma ampliação da capacidade de se comunicar com a cidade de Parintins, espaço em que seus habitantes mais circulam, como também promovem uma nova relação com o espaço da comunidade, à medida que criam uma forma própria e singular de inserção no digital.

Em um primeiro contato com a comunidade do Caburi, julguei que os jovens que acessavam os pontos de *wi-fi* da comunidade entravam na lógica da dinâmica de uma maior ritmicidade da ação de se conectar a todo o tempo, em atualizar-se nas mídias sociais freneticamente, uma vez que a nova experiência de habitar o espaço a partir das tecnologias se faz agora ao ritmo tecnológico. (La Rocca, 2016). Mas o que se viu foi o contrário, as redes a partir da *wi-fi* ampliaram e fortaleceram os laços entre os moradores na comunidade ao mesmo tempo que servem de apelo às suas demandas em prol da coletividade.

Referências bibliográficas

- AGRA, Klondy; SILVA, Adnilson. A visão do mundo vivido ribeirinho nas obras de Charles Wagley. In: *GEOGRAFAR - Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Geografia*, v. 8, n. 2, 2013, pp 1-20.
- ANDRADE, Roberta. *Ribeirinhos urbanos: Vidas e modos de Vida no Puraquequara*. Manaus, AM: Editora da Universidade Federal do Amazonas – Edua, 2013.
- BOELLSTORFF, Tom. Rethinking Digital Anthropology. In: MILLER, Daniel; HORST, Heather. (Orgs.). *Digital Anthropology*. London: Berg, 2012. Disponível em: <http://voidnetwork.gr/wp-content/uploads/2016/10/Digital-Anthropology-edited-by-Heather-A.-Horst-and-Daniel-Miller.pdf>. Acesso em: 2 mai. 2017.
- CARNEIRO, Maria. *Ruralidade: novas identidades em construção*. Estudos Sociedade e Agricultura, n. 11. Rio de Janeiro: CPDA/UFRRJ, 1998.
- CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede: a era da informação, economia, sociedade e cultura*. Tradução de Roneide Venâncio Majer. 6 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.
- CASTRO, Fábio Fonseca de; COSTA, Alda C da Silva; IGREJA, Monique Feio. Jovens e interação comunicativa na Amazônia paraense: entre o rural e o urbano. In: *XXIV Encontro Anual da Compós*, na Universidade Federal de Belém. Belém: UFPA, 2015.
- DI FELICE, Máximo. *Paisagens pós-urbanas: o fim da experiência urbana e as formas comunicativas do habitat*. São Paulo: Annablume, 2009.
- FIRMINO, Rodrigo; DUARTE, Fábio. Do mundo codificado ao Espaço ampliado. In: RHEINGANTZ, Paulo Afonso; ROSA, Pedro. (Orgs.). *Qualidade do lugar e Cultura Contemporânea*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2012.
- FRAXE, Terezinha. As práticas de ajuda mútua. In: FRAXE, Terezinha de Jesus Pinto. *Homens anfíbios: etnografia de um campesinato das águas*. São Paulo: Anablume, 2000. p. 88-91.
- HANKE, Michael. A noção de sociabilidade: implicações nos estudos da comunicação. In: 11º Congresso Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Rio de Janeiro: RJ, 2002. *Anais...* Rio de Janeiro: RJ, p. 1-11, 2002. Disponível em: www.compos.org.br/data/biblioteca_744.pdf. Acesso em: 2 abr. 2018.
- LA ROCCA, Fábio. *A cidade em todas as suas formas*. Tradução de Adriana Anunciação Ramos. Porto Alegre: Editora Sulina, 2018.
- _____. Territórios híbridos: conectividade e experiências comunicativas tecnometropolitanas. *Revista Famecos*, v. 23, n. 3. set./dez., 2016.
- LEITE, Julieta. Mediações tecnológicas no espaço urbano. In: 34º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Recife, PE: Universidade Federal de Pernambuco, 2011. *Anais...* Recife, set., 2011. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-3026-1.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2018.
- LEMOS, André. *A comunicação das coisas: teoria ator-rede e cibercultura*. São Paulo: Annablume, 2013.

_____. *Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2002.

MILLER, Daniel. *Daniel Miller presents the results of the Why We Post project*. 2015. (48m36s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=swj5KRf4Db0>.

MILLER, Daniel; HORST, Heather. O digital e o humano: prospecto para uma Antropologia digital. *Parágrafo*, São Paulo, v. 2, n 3, jul./dez., 2015.

MILLER, Daniel; HORST, Heather; SLATER, Don. *The Internet: an ethnographic approach*. Nova York: Berg Oxford, 2001.

OLIVEIRA, José Aldemir de. A cultura, as cidades e os rios na Amazônia. *Revista Ciência e Cultura On-line*, v. 58, n. 3, 2006.

PEREIRA, Vinícius. Linguagens midiáticas, entretenimento e multissensorialidade na cultura digital. In: RÉGIS, Fátima. et al. (Orgs.). *Tecnologias de comunicação e cognição*. Porto Alegre: Salina, 2012.

ROCHA, Gilberto de Miranda. Fronteira e urbanização na Amazônia: contribuições de Bertha Becker. In: *III Simpósio Relações entre Ciência e Políticas Públicas: Propostas de Bertha Becker para o Desenvolvimento da Amazônia*. 2013.

SILVA, Charlene. *Mocambo, Caburi e Vila Amazônia no município de Parintins: múltiplas dimensões do rural e do urbano na Amazônia*. 2009. 176 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2009.

SILVA, Charlene Maria Muniz da; OLIVEIRA, José Aldemir de. Rural e o urbano na Amazônia: as relações entre rural e urbano em Mocambo, Caburi e Vila Amazônia no Município de Parintins/AM. In: *XVI Encontro Nacional dos Geógrafos*. Porto Alegre, 2010.

TRINDADE JR, Saint-Clair Cordeiro da. et al. Espacialidades e Temporalidades Urbanas na Amazônia Ribeirinha. Mudanças e Permanências a Jusante do Rio Tocantins. *Revista Acta Geográfica Ed Esp Cidades na Amazônia Brasileira*. 2011, p. 117 -133.

WAGLEY, Charles. *Uma comunidade Amazônica: estudo do homem nos trópicos*. Belo Horizonte: Editora da Universidade de São Paulo, 1976.

Soriany Simas Neves - Universidade Federal do Amazonas – UFAM

Professora Adjunta III da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) no curso de Comunicação Social/Jornalismo, no Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia (ICSEZ) em Parintins/AM. Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

Email: sorianyneves@ufam.edu.br